

*EFEITOS DO CONVÍVIO DOMICILIAR
COM CÃES DE ESTIMAÇÃO
NA SAÚDE DE IDOSOS*

Camila da Costa Lima Souto¹
Renan Carlos Freitas da Silva²
Catarina Magalhães Porto³
Rogério Dubosselard Zimmermann⁴
Maria Lúcia Gurgel da Costa⁵

resumo

O artigo tem por objetivo estudar os efeitos da convivência domiciliar de idosos com cães de estimação, apontando os aspectos positivos

1 Graduada em Enfermagem. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: camila_souto90@hotmail.com.

2 Graduado em Saúde Coletiva. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: renancarlos_eaf@hotmail.com.

3 Graduada em Medicina. Doutoranda do Programa de Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento da Universidade Federal de Pernambuco. Cardiologista do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: catarinamqo@gmail.com.

4 Graduado em Odontologia. Doutor em Odontologia Legal e Deontologia. Professor da Universidade Federal de Pernambuco, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Gerontologia. E-mail: rdzlegal@gmail.com.

5 Graduada em Fonoaudiologia. Doutora em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento. Professora da Universidade Federal de Pernambuco, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Gerontologia. E-mail: malugel@bol.com.br.

e negativos desse convívio para a saúde da população idosa. Trata-se de um estudo qualitativo de caráter descritivo e exploratório que utilizará como técnica entrevista aberta semiestruturada. O número total de idosos foi definido pela saturação de falas no decorrer das entrevistas. As entrevistas foram transcritas e as falas dos idosos foram examinadas através da análise de conteúdo, com posterior categorização temática. Os elementos foram classificados em 9 eixos temáticos: suporte emocional, atividade física, contato social, sensação de segurança, alergia e infecções, quedas, gasto financeiro, processo de luto e significado. O convívio com cães de companhia traz inúmeros benefícios à saúde de idosos, entre eles, o aumento da prática de atividades físicas, da socialização, do prazer e da autoestima. Em contrapartida, existem, também, aspectos negativos dessa convivência, como a maior exposição a possíveis infecções e alergias, o maior risco de quedas e o intenso sofrimento pela perda do animal. Após análise dos dados, constatou-se que os efeitos positivos da convivência domiciliar de idosos com cães de estimação superam os efeitos negativos para a saúde dessa população.

palavras-chave

Idoso. Animais de Estimação. Cães.

1 Introdução

A partir de 1950, o Brasil inicia seu período de transição demográfica. Nesta década, existiam 9 milhões de crianças com idades entre 0 e 4 anos, representando 16,6% da população total e 2,6 milhões de idosos, representando somente 4,8% da população. Em 1980, havia 17 milhões de crianças e 7,7 milhões de idosos. Já no ano 2000, a população de crianças praticamente se manteve em torno de 10% da população e a população idosa chegou a 14,2 milhões, representando 8,1% da população. A estrutura etária começa sua grande transformação: inicia-se o processo de envelhecimento (ALVES, 2014).

A Organização Mundial da Saúde (2015) revelou que, em todo o mundo, a proporção de idosos está crescendo mais rapidamente que a de qualquer outra faixa etária. Espera-se um crescimento em torno de 694 milhões na população idosa entre os anos de 1970 e 2025. Nesse último ano, existirá um total aproximado de 1,2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos, e, até 2050, haverá dois bilhões, sendo 80% nos países em desenvolvimento. Essa mudança do perfil

populacional vem acarretando, igualmente, a transição epidemiológica. Com ela, as doenças crônicas próprias do envelhecimento passaram a ter maior expressão na sociedade (VERAS, 2009).

Diante da crescente relevância dos agravos à saúde física e mental dos idosos, surgiram vários tratamentos e métodos preventivos para combatê-los. Entre eles, encontram-se a atividade e a terapia assistida por animais, que vêm ganhando destaque no cenário mundial, e, também, no Brasil.

Em 1977, a Delta Society, um organismo internacional sem fins lucrativos, criado com o objetivo de promover a melhora da saúde humana, sua independência e qualidade de vida com a ajuda de animais, definiu dois tipos de interação: a) Atividade Assistida por Animais (AAA), que consiste na visitação, recreação e distração por meio do contato dos animais com as pessoas e; b) Terapia Assistida por Animais (TAA), que envolve profissionais de saúde e utiliza os animais como parte do tratamento (DOTTI, 2014).

O contato com animais de estimação pode promover o aumento de bem-estar e a diminuição do estresse entre os idosos, considerando que, particularmente nessa faixa etária, as pessoas vivenciam, em sua maioria, a perda de amigos, familiares, o surgimento de doenças crônicas, a aposentadoria e sentem-se isoladas da sociedade (PEREIRA, M.; PEREIRA, L.; FERREIRA, 2007).

A terapia assistida por cães foi aplicada em diversas instituições para idosos. Os resultados obtidos através dessas interações são amplos e fundamentados. Os principais efeitos encontrados foram um melhor controle dos níveis pressóricos e do padrão cardiovascular, um aumento do comportamento social e uma melhora no estado apático, característico de idosos institucionalizados, uma diminuição da solidão e da tristeza, uma melhora da comunicação e interação com o grupo e com profissionais de saúde, bem como uma redução de sintomas depressivos (BERRY *et al.*, 2012; MENNA *et al.*, 2012; STUMM *et al.*, 2012; VIEIRA *et al.*, 2016).

Tais como os estudos acima, outros também investigam os efeitos das atividades e terapias assistidas por animais na saúde de idosos institucionalizados, porém, são poucos os trabalhos científicos que pesquisam a influência de cães de estimação sobre os idosos no convívio domiciliar. Considerando que tais atividades influenciam a saúde de idosos institucionalizados, torna-se relevante investigar: o convívio domiciliar de idosos com cães de estimação também é capaz de influenciar a saúde dessa população? De que maneira?

Considerando, ainda, a escassez de estudos que investiguem tais aspectos e a vulnerabilidade do grupo ao surgimento de transtornos à saúde, tendo em vista o surgimento de limitações corporais, doenças crônicas, isolamento social e abalo emocional, justifica-se a presente análise. Deseja-se, assim,

oferecer a equipe multidisciplinar com informações importantes à orientação e às intervenções direcionadas à promoção da saúde física e mental dos idosos e, dessa forma, melhorar a qualidade de vida desta população, evitando condições clínicas e óbitos prematuros.

2 Objetivo

O artigo tem como objetivo geral estudar os efeitos da convivência domiciliar de idosos com cães de estimação e, como objetivos específicos, identificar os efeitos positivos e negativos do convívio domiciliar com cães de estimação para a saúde dos idosos, bem como descrever os sentimentos do idoso em relação ao seu cão de estimação.

3 Método

Trata-se de um artigo qualitativo de caráter descritivo e exploratório que utilizou como técnica entrevista aberta semiestruturada em profundidade. Denzin e Lincoln (2005) destacam que os pesquisadores qualitativos estudam as coisas em seu setting natural, ou seja, não construído artificialmente, tentando dar sentido ou interpretar fenômenos nos termos das significações que as pessoas trazem para estes. Outra definição foi elaborada pelas enfermeiras Morse e Field (1995), que caracterizam o método qualitativo como indutivo, holístico,êmico, subjetivo e orientado para o processo. Este tipo de pesquisa é utilizado para compreender, interpretar, descrever e desenvolver teorias relativas a um fenômeno ou a um setting. Ela tem o objetivo de criar um modelo de entendimento profundo de ligações entre elementos e de entender como o objeto de estudo acontece ou se manifesta.

Ratifica-se, dessa forma, que o alvo principal das pesquisas qualitativas é a significação que um fenômeno ganha para os que o vivenciam. Dessa maneira, a presente pesquisa tem por objetivo conhecer as vivências e representações que os idosos possuem de suas experiências ao conviver com seus cães de estimação.

O estudo foi realizado no Núcleo de Atenção ao Idoso (NAI) que é uma unidade ambulatorial de atenção à saúde do idoso, criada em dezembro de 1999, de iniciativa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O NAI, subprograma do Programa do Idoso (PROIDOSO), oferece atendimentos individuais à população idosa e dispõe de uma equipe multidisciplinar.

Os participantes foram selecionados de maneira aleatória e por conveniência, dentre os idosos atendidos na unidade. O número total de 20 idosos foi definido pela saturação de falas, no decorrer das entrevistas.

O estudo utilizou, como critérios de inclusão, possuir em domicílio, ao menos, um cão de estimação, pelo período mínimo de um ano, bem como ser proprietário do animal e, como critérios de exclusão, possuir diagnóstico de demência, déficit auditivo ou disfasias que impossibilitem a comunicação adequada para a realização da pesquisa. Os voluntários foram entrevistados em salas privativas disponibilizadas para a realização da gravação do áudio sobre o convívio com cães de estimação. O ambiente reservado para a realização das entrevistas favoreceu a boa captação do áudio, bem como proporcionou um clima confortável para a livre expressão dos idosos. O instrumento operacional utilizado foi o gravador de voz Sony ICD-PX240.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de maio e agosto de 2018. Durante todos os dias de pesquisa utilizou-se um diário de campo. Através da observação direta dos idosos, foram anotadas expressões faciais, gestos e comportamentos identificados durante as interações.

A entrevista é composta pelos seguintes questionamentos:

“Como o (a) senhor (a) descreveria a convivência com seu cão de estimação?”

“Após a chegada do seu cão de estimação, o (a) senhor (a) percebeu alguma mudança na sua vida?”

“O (a) senhor (a) acredita que a presença de um animal de estimação pode trazer benefícios à saúde de uma pessoa? Se sim, quais?”

“O (a) senhor (a) acredita que a presença de um cão de estimação pode trazer malefícios à saúde de uma pessoa? Se sim, quais?”

“O que (nome do cão de estimação) significa para o (a) senhor (a)?”

As entrevistas sobre a convivência com cães de estimação foram transcritas e as falas dos idosos foram examinadas de maneira detalhada e intensiva através da análise de conteúdo, com posterior categorização temática. A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição das mensagens. Dentre essas técnicas, encontra-se a análise categorial, que busca desmembrar o texto em unidades ou categorias, segundo reagrupamentos analógicos. Essa técnica se compõe em três grandes etapas: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados e interpretação. A primeira etapa é a fase de organização, que pode utilizar procedimentos como: leitura flutuante, hipóteses, objetivos e elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação. Na segunda etapa, os dados serão codificados a partir das unidades de registro.

Por fim, é feita a categorização, que consiste na classificação dos elementos segundo suas semelhanças e por diferenciação, com posterior reagrupamento, em função de características comuns (BARDIN, 2011).

Para preservar a identidade dos participantes, os idosos foram numerados de 1 a 20, por ordem de realização das entrevistas. Além disso, para evitar possíveis associações entre o nome dos cães e seus donos, os animais foram chamados por nomes fictícios de cores. As unidades de sentido que emergiram das transcrições abordaram os efeitos positivos e negativos da convivência domiciliar com cães, bem como os sentimentos dos idosos em relação ao seu cão de estimação.

A pesquisa seguiu as diretrizes e normas encontradas na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta a pesquisa em seres humanos, bem como possui Carta de Anuência para realização das entrevistas no Núcleo de Atenção ao Idoso (NAI) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A coleta de dados se iniciou, apenas, após a aprovação do projeto no Comitê de Ética e Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CCS-UFPE), bem como os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido após os devidos esclarecimentos. A pesquisa foi aprovada sob CAAE 80073817.8.0000.5208.

4 Resultados e discussão

O sexo feminino destacou-se de tal maneira que representou a totalidade dos indivíduos entrevistados. É possível que o local de pesquisa tenha contribuído para a formação de um grupo exclusivo de mulheres. A investigação foi realizada em uma unidade ambulatorial de saúde do idoso onde o público feminino predomina em razão de serem elas as que mais cuidam de suas saúdes. Outra razão pode ser atribuída à maior disponibilidade das mulheres em participar de pesquisas e expressar sentimentos quando comparado aos homens. Todas as participantes tinham entre 60 e 80 anos de idade e a maioria delas é casada, possui o ensino médio completo, reside em casa própria e recebe entre um e dois salários-mínimos. Os dados obtidos através das entrevistas passaram pelo processo de análise de conteúdo e os elementos foram classificados por categorização temática, segundo suas semelhanças, em 9 eixos temáticos: suporte emocional, atividade física, contato social, sensação de segurança, alergia e infecções, quedas, gasto financeiro, processo de luto e significado.

O suporte emocional decorrente da posse do cão de estimação foi destaque nas entrevistas realizadas. Os principais pontos abordados foram diminuição da solidão, do estresse e da tristeza, incremento dos sentimentos de conforto e alegria, momentos de conversa e distração com os cães, sensação de companhia e aumento da autoestima. A maioria das idosas relatou sentir-se acompanhada, até mesmo aquelas que não demonstravam um vínculo afetivo forte com seus cães de estimação. Enquanto se expressavam, as idosas se mostraram sorridentes e confortáveis ao falar sobre o tema.

Com grande poder lesivo, o sentimento de solidão pode ser combatido através do convívio com cães de estimação. Stanley *et al.* (2014), afirmam que idosos donos desses animais são 36% menos propensos a relatar solidão que os não proprietários. Na mesma direção, as idosas entrevistadas no presente estudo enfatizaram o sentimento de companhia decorrente da posse do cão de estimação, conforme comentário abaixo transcrito:

[...] Acho que faz companhia e muita, viu? Oxente, quando sai todo mundo e eu tô em casa, é a minha companhia, viu? [...] Eu acho que mudou muito, viu? Porque antes a gente não tinha muito o que fazer, um casal de velhos, né? (risos) Às vezes um cachorro alegre muito a pessoa. A pessoa não fica tão triste. Eles chegam com uma alegria tão grande que parece que transmite para a gente, né? Se tiver sentindo alguma coisa, a gente brinca um pouquinho com eles que passa. Influi muito na gente, viu? E é bom! (IDOSA 13)

Uma pesquisa qualitativa realizada na Suécia teve como objetivo explorar as experiências de vida de idosos e seus animais de companhia, após a ocorrência de um Acidente Vascular Encefálico (AVE). Os participantes afirmaram que o animal desviou a atenção da doença e contribuiu para pensamentos mais agradáveis, sendo um suporte no momento em que se sentiam deprimidos e uma razão para lutar pela recuperação. Constatou-se, também, que os animais transmitiram um sentimento de pertença aos idosos que moravam sozinhos (JOHANSSON; AHLSTRÖM; JÖNSSON, 2014).

[...] Azul veio em um momento assim divisor de águas. Eu estava entrando na menopausa, meus filhos adolescentes, meu pai faleceu, me aposentei. E olhe que me preparei bem para a aposentadoria, mas fui surpreendida por outras questões. Então o cachorro foi tranquilizador. [...] O cachorro é um suporte maravilhoso. Porque a partir do momento que você está com uma criaturinha que te faz rir quando você está chateada, te faz um carinhozinho. Engraçado, ele percebe quando estamos assim, ele fica lá pedindo carinho até você sair daquela preocupação sua e ir lá fazer carinho. É como se ele me tirasse daquele universo em que tô estressada. (IDOSA 5)

Em sintonia com o apontado na literatura existente sobre a matéria, o exame dos dados coletados no presente artigo levou à constatação de que o suporte emocional conferido pelos cães às idosas é um efeito positivo da convivência domiciliar de idosos com cães de estimação, uma vez que a maioria dos relatos evidenciou sentimentos de alegria, relaxamento, autoconfiança, bem-estar e satisfação com a vida. Esse apoio emocional se mostrou tão importante ao ponto de a IDOSA 6 afirmar não sentir mais depressão devido à companhia de seu cão de estimação e a IDOSA 9 ressaltar que acredita que quem cria um animal com amor não tem depressão. Todo esse suporte contribui de maneira significativa para a saúde mental, como também, indiretamente, para a saúde física dos idosos, prevenindo possíveis doenças e atenuando sintomas.

Diversas idosas relataram praticar algum tipo de atividade física com seus cães de estimação, principalmente, caminhadas. Existiram relatos de brincadeiras com bolas, garrafas plásticas, vassoura, até simples ações, como enxugar e escovar o pelo de seus cães. Uma das idosas afirmou praticar, até mesmo, natação com sua cadela, quando as duas vão à praia juntas, como demonstrado no trecho a seguir:

[...] Eu passeio com ela logo de manhã cedinho, ele me acompanha para onde eu for, volta, toma banho, vida normal. Brinco com ela. Ela nada, quando a gente vai para a praia, ela nada comigo. (IDOSA 9)

Ferreira (2012) verificou em sua pesquisa que os idosos gostariam de ter um animal de estimação para que ele os motivasse a sair e caminhar. No presente estudo, o cão de companhia, de igual modo, apresentou-se como um fator de motivação para atividades físicas:

[...] Eu vivia muito só e deitada, com ele (cão) eu não posso me deitar. Ele fica querendo ficar comigo, aí eu termino brincando. Saio para passear com ele, mas à noite e de manhãzinha quando termino de fazer as coisas, vou dar uma caminhadinha. (IDOSA 14)

Garcia *et al.* (2015) buscou examinar as associações transversais entre a propriedade do cão e as medidas de atividade física em uma amostra bem caracterizada e diversificada de mulheres na pós-menopausa. Possuir um cão foi associado a uma maior probabilidade de andar um quantitativo igual ou superior a 150 minutos por semana e a 14% menos probabilidade de ser sedentária em comparação com as idosas que não possuíam um cão. Verificou-se, desse modo, que a posse de cães está associada ao aumento da atividade física em mulheres idosas, particularmente entre mulheres que moram sozinhas.

Observou-se, portanto, que o estímulo à prática de atividades físicas, seja em caminhadas com os cães, seja em cuidados e brincadeiras dentro de casa, é outro efeito positivo que a convivência com o animal proporciona para a saúde da população idosa. Considerando que tais práticas preservam a capacidade funcional do idoso e previnem o surgimento de doenças crônicas, a convivência domiciliar com cães, neste aspecto, é extremamente importante para o idoso.

Em relação ao contato social, algumas idosas relataram encontrar pessoas desconhecidas, bem como fazer novas amizades, principalmente, durante os passeios com os cães. A maioria afirmou manter uma rede de contatos em sua própria região de residência, como ruas vizinhas, praças e condomínios, lugares nos quais costumam passear com mais frequência. Outro lugar de interação citado nas entrevistas foi o pet shop para banho e tosa e clínicas veterinárias para consultas e vacinas. A idosa a seguir relatou conversar com outras pessoas enquanto aguarda atendimento veterinário:

[...] Parece um filho quando você está no pediatra, várias mães conversam, a mesma coisa é no veterinário, a gente troca ideias, olha, o meu fez aquilo, olha, o teu é tão bonitinho, tem quantos anos? Olha, faz isso. (IDOSA 1)

Na maioria das sociedades, o “ficar velho” é sinônimo de exclusão de uma vida social, construída e legitimada ao longo dos anos. Nessa fase da vida, inicia-se a perda de pessoas próximas, como cônjuges e amigos, separação dos filhos e colegas de trabalho, devido ao início de aposentadoria. Todos esses fatores tendem a diminuir a rede de contato social do idoso, o que pode desencadear uma série de efeitos negativos em sua saúde (GUEDES *et al.*, 2017).

[...] Tenho muitas amigas, chego na praça tem uma moça que tem uma cachorrinha chamada Lilás, ela é solteirona e cuida de uma mãe doente. Ela leva Lilás para todos os cantos. É uma alegria quando a gente se encontra, os cachorros adoram. (IDOSA 17)

A caminhada com cães levou os participantes de uma pesquisa à conexão com a natureza, com outras pessoas e também com o próprio cão. Caminhar com um cachorro incentivou o contato social e o animal foi considerado um “quebra-gelo”. Por vezes, breves interações dos idosos com desconhecidos se transformaram em amizades firmes. Embora o contato social intensificado tenha sido relatado como um resultado da caminhada com o cão, ele foi percebido, também, como uma necessidade em circunstâncias específicas, por exemplo, um senhor idoso que vive sozinho (WESTGARTH *et al.*, 2017).

De modo semelhante à literatura encontrada, o presente artigo constatou que a posse de um cão de companhia ajuda na manutenção da vida social do idoso, o que fortalece sua saúde física e mental e contribui para uma maior qualidade de vida. Dessa forma, o contato social proporcionado pelos companheiros caninos é mais um fator benéfico ao idoso.

Algumas idosas afirmaram que se sentiam mais seguras na presença de seus cães de estimação. Essa sensação conferiu maior autonomia e confiança às idosas para que permanecessem em suas próprias casas ou realizassem pequenas atividades acompanhadas por seus cães com maior tranquilidade, como passar por locais considerados de algum modo inseguro por elas.

[...] Chamo ele para ir lá atrás da casa, tenho medo, aí ele vai na frente para ver se tem bicho. E quando tem algo fora do contexto, ele começa a dar um sinal diferenciado. Ele late e fica olhando, então já sabemos que está acontecendo algo. É uma criaturinha que eu tenho dentro de casa como se fosse meu guarda-costas. É como se ele me desse suporte para entrar e sair de casa. (IDOSA 5)

Sabe-se que entre os inúmeros serviços hoje prestados pelos cães à sociedade, a atividade de guarda e sentinela, desde os primórdios, é a mais reconhecida e utilizada pelo homem (SAKATA, 2015). Mais de uma idosa chegou a chamar seus cães de estimação de guardas. Uma delas até referiu dormir sem outras pessoas em sua casa, porém, na presença do animal. A conduta do cão de monitorar e avisar quanto a pessoas ou situações estranhas foi destaque em suas falas.

[...] Eu digo também que são meus guardas (risos). Já cheguei a dormir sozinha, sem outra pessoa em casa, mas sempre com eles por perto. Qualquer zoada ela late e eu falo com ela e vejo se está tudo bem. (IDOSA 6)

Degeling e Rock (2012) constataram em sua pesquisa que a presença de um cão de estimação nas caminhadas de idosos proporcionou, de alguma forma, a sensação de segurança para eles, especialmente, quando esses passeios eram realizados tarde da noite. Uma das idosas se expressou neste sentido ao falar sobre a diferença de caminhar sem o seu cão, devido ao falecimento do animal: “Estava ficando escuro e normalmente eu nunca penso sobre isso porque Shep (cão) estava comigo e ele sempre foi meus outros olhos e ouvidos. De repente eu pensei: Oh, talvez eu tenha que prestar mais atenção agora! Eu preciso ser um pouco mais consciente porque eu não tenho mais Shep!”.

Dessa forma, a sensação de segurança sentida pelas idosas traz, novamente, um efeito positivo para essa população, uma vez que promove o relaxamento

e o bem-estar do grupo em suas próprias residências, além de aumentar sua independência e autoconfiança.

Os efeitos negativos da convivência de idosos com cães de estimação também foram relatados nas entrevistas. Vale ressaltar, no entanto, que, quando o assunto se voltou para possíveis malefícios advindos de seus cães, a maioria das idosas teve um comportamento de proteção do animal, tendendo a amenizar alguns acontecimentos.

Em relação a alergias e infecções provenientes de seus cães de companhia, algumas idosas relataram ter contraído infecções cutâneas e outra afirmou ter crises alérgicas, embora, nesse último caso, a entrevistada negou que a causa fosse o animal. As idosas associaram, predominantemente, as fezes e a urina dos animais como causadoras de doenças e afirmaram com firmeza que mantinham os cães e os ambientes em que transitavam sempre limpos.

[...] Eu peguei um germe aqui na minha mão e deu trabalho para acabar com esse germe, viu. Acho que foi arrancando a grama, ele faz xixi ou fezes na grama, né. Tratei e fiquei boa. (IDOSA 12)

[...] Eu já tinha alergia antes, ontem eu espirrei tanto que parecia que o cérebro ia sair pela venta, como fala o matuto. Não foi por causa dela, eu já tinha antes. Passa tempo sem nada, no frio volta. Tô dizendo que ela dorme comigo e nunca tive nada, nem na pele. (IDOSA 15)

Apesar dos relatos de contaminações, alguns estudos afirmam que animais de estimação não irão transmitir, necessariamente, infecções aos idosos. Evidências apontam que não existem laços epidemiológicos que comprovem a transmissão de parasitas intestinais, estafilococos multirresistentes ou *Clostridium difficile* de animais de estimação para idosos que convivem ou costumam frequentar locais que possuem esses animais (ELY *et al.*, 2011; GANDOLFI-DECRISTOPHORIS *et al.*, 2012; RABOLD *et al.*, 2018).

Em relação às alergias, Dotti (2014) afirma que pessoas que vivem em contato com animais criam resistência e podem desenvolver imunidade perante alguns tipos de alergias, recomendando, inclusive, que crianças possam estar expostas ao contato com animais para aumentar e desenvolver anticorpos frente a possíveis alergias.

Constatou-se, desse modo, que a transmissão de infecções é um efeito negativo da convivência domiciliar com idosos. Apesar do baixo potencial lesivo das possíveis infecções, elas não devem ser desconsideradas. Na presente pesquisa, as idosas demonstraram conhecer a necessidade de medidas de

limpeza, especialmente em relação às fezes e à urina dos cães, mesmo assim, algumas delas necessitaram de tratamento para combater pequenas infecções de pele. Quanto à alergia, idosas alérgicas a cachorros podem apresentar sintomas como espirros ou coceiras, até reações mais fortes, como dificuldade respiratória, a depender do nível de sensibilização de cada indivíduo, sendo, também, um efeito negativo à saúde do idoso.

Algumas idosas relataram ter medo de se machucar ou cair em momentos de interação com seus cães, principalmente quando esses animais são de grande porte. Outras afirmaram ter caído, prevalecendo pequenos tombos, e, somente, um evento mais grave, com necessidade de intervenção cirúrgica. Relataram, também, receio com as unhas dos cães, já que as mesmas podem causar arranhões em suas peles. Nenhuma das participantes referiu ter sofrido mordeduras de seus animais, tanto dos cães atuais, como os de convivência passada.

[...] Como tenho muitas varizes nas pernas, tenho medo, porque sou diabética e ela tem unhas que arrancam. (IDOSA 10)

[...] Já tropecei nela, quando fui passear ela passou na minha frente, queda feia. Tive que operar o menisco. Se meu osso não fosse forte, tinha quebrado minha perna. (IDOSA 17)

Messias e Neves (2009) realizaram uma revisão de literatura sobre os fatores extrínsecos associados às quedas em idosos. Os autores concluíram que entre os principais fatores de risco extrínsecos relacionados a quedas em idosos está a presença de animais de estimação.

Por outro lado, um estudo buscou verificar a relação da presença de um cão de estimação e o relato de morbidades, incidência de quedas e qualidade de vida em idosos residentes em Belo Horizonte, Minas Gerais. Os autores concluíram que a presença de cães no domicílio não representou um fator que interferisse na qualidade de vida, bem como não esteve associada ao adoecimento dessa população. Em relação ao risco de quedas, constataram que a presença de um cão não contribuiu para evitar, tampouco para causar quedas em idosos (MARTINS *et al.*, 2015). Considerando que existe a possibilidade de quedas em idosos que convivem com cães de estimação, especialmente o grupo de idosos que já possui alguma incapacidade, use órteses ou bengalas, sinta dores constantes e use muitos medicamentos, o fator em questão não pode ser desconsiderado, sendo um efeito negativo para a saúde dessa população.

Quase todas as idosas mencionaram que um dos pontos negativos de ter um cão de estimação é o gasto financeiro com alimentos, medicações e vacinas, necessários aos animais. Relataram, também, que cuidar de um cão é uma grande responsabilidade e que dá trabalho, principalmente com a limpeza das fezes e da urina do animal.

[...] O gasto financeiro é como se fosse um filho. Você tem que alimentá-los, levar para o médico quando fica doente, para tomar vacina, são filhos, filhos de quatro patas (risos). (IDOSA 16)

Um estudo de revisão buscou identificar e discutir os principais artigos referentes aos efeitos de animais de estimação para a saúde de idosos. Entre os diversos achados, destacou-se como negativo o custo financeiro para manter um animal de estimação em casa (CHERNIACK, P.; CHERNIACK, A., 2014).

Percebeu-se que o gasto financeiro com cães de estimação varia de pessoa para pessoa. Apesar dessa variação, a maior parte das entrevistadas considerou que o custo fixo com alimento e medicação é alto, caracterizando-se, por esse lado, como um aspecto negativo para o idoso. Considerando ainda que, na maioria dos casos, a população idosa possui uma renda restrita aos cuidados com a própria saúde, gastar dinheiro com o cuidado de um animal poderia prejudicar seu orçamento. Por outro lado, a posse de cão de estimação traz muitos benefícios à saúde do idoso e pode ser classificada, igualmente, como mais um investimento em favor da sua vida.

Muitas idosas relataram os sentimentos de tristeza e saudade durante o processo de luto decorrente do falecimento de seus cães de estimação anteriores, como também o medo da perda dos cães atuais. A maioria se mostrou consciente da morte de seus animais e da importância de se preparar para esse momento. Algumas das idosas fizeram caretas e faces de desgosto ao falar no assunto.

[...] Meu outro cachorro que o carro matou, eu fiquei três dias chorando. Fiquei muito triste porque senti muita falta dele. É um lado muito ruim, muito ruim. É triste, é como uma criança, a gente pega amor. (IDOSA 12)

Scheibeck *et al.* (2011) afirmam em sua pesquisa que o sentimento de pesar que envolve os idosos após a morte dos animais é comparável ao sofrimento que se segue quando as pessoas perdem um amigo querido ou parente. Identificou-se, inclusive, comportamentos de luto e rituais como montar um túmulo e visitar cemitérios para animais de estimação, o que significa preservar ativamente a memória do cão e quaisquer experiências e emoções relacionadas

a ele. Os cemitérios de animais mostram a importância dos animais para seus donos e o valor igual dos animais e humanos quando se trata de luto e de lidar com a perda.

Constatou-se que o processo de luto vivido pelos idosos com a perda de seus companheiros caninos é capaz de trazer grande angústia, a depender do nível de ligação e afeição existente entre eles. A maioria dos idosos demonstra um vínculo forte com seus cães, necessitando, nestes casos, de maior apoio para a superação do evento. Dessa forma, o processo de luto e suas manifestações são aspectos negativos da convivência domiciliar com cães de estimação.

Ao chegar ao final da entrevista, as idosas responderam a seguinte pergunta: “O que (nome do cão de estimação) significa para a senhora?”. Observou-se, majoritariamente, a formação de vínculos afetivos de grande intensidade com seus cães de companhia.

Os relatos demonstraram um profundo carinho sentido pelas idosas em relação aos seus cães de estimação, o que pode ser evidenciado a partir das palavras e expressões por elas utilizadas para descrevê-los: “alegria”, “membro da família”, “companheiro”, “sentimento bom”, “amor”, “amigão”, “anjo de quatro patas”, “filho” e “segurança”. Destacou-se, entre as descrições, o sentimento de extrema fidelidade sentido em relação aos animais, conforme ressaltou a IDOSA 12: “companheiro fiel”.

Outra investigação apontou, também, grande afeição sentida pelos idosos em relação aos seus cães. Os animais de companhia foram descritos pelos idosos pelas suas personalidades e comportamentos em “fofinhos”, “reconfortantes”, “agradáveis”, “encantadores”, “afetuosos”, “quase como humanos”. Um cachorro foi descrito como “muito sociável” e “absolutamente não um cão de guarda”, o participante afirmou, ainda, que o cão queria ser amigo de todos que vinham visitá-lo. Outro cão foi descrito como “filho da família” (JOHANSSON; AHLSTRÖM; JÖNSSON, 2014).

Por outro lado, algumas idosas ponderaram os seus depoimentos na presente pesquisa, demonstrando um maior afastamento afetivo com seus cães, ao descreverem seus animais apenas como “um cachorro” ou “um animal de estimação”. Diferenciando-se da maioria dos relatos, a IDOSA 10 demonstrou que, apesar de conviver e cuidar de seu cão de estimação, por sua vontade, não gostaria de estar com o animal em casa. É possível que ela considere que o espaço disponível ou o cuidado dispensado por ela ao cão não sejam adequados, motivo pelo qual afirmou que o daria a um parente.

5 Conclusões

O convívio com cães de companhia traz inúmeros benefícios à saúde de idosos, entretanto, existem, também, aspectos negativos dessa convivência. Tais aspectos podem ter menor ou maior potencial lesivo, a depender do grupo específico de idosos que possua um cão de estimação.

Constata-se, todavia, que os efeitos positivos da convivência domiciliar de idosos com cães de estimação superam os efeitos negativos para a saúde dessa população. Uma vez inseridos em um ciclo de vida saudável com seus cães, hábil a lhes proporcionar suporte emocional, estímulo a caminhadas, melhor socialização e sensação de segurança no dia-a-dia, os idosos não só promovem sua saúde física e mental, como previnem o aparecimento de agravos, minorando, inclusive, os possíveis riscos advindos da própria posse de um cão de estimação, como a probabilidade de quedas.

Assim sendo, o convívio domiciliar com cães de estimação é uma forma inovadora e bastante eficaz para o bem-estar dos idosos, no entanto, sua indicação deve ser avaliada para grupos específicos dessa população. Os idosos que não possuam algum tipo de comprometimento grave da imunidade, alta sensibilização a pelo de animais ou um risco aumentado para quedas irão se beneficiar de maneira majoritária da posse um cão de companhia. Sugere-se, dessa forma, a realização de mais pesquisas relativas ao convívio de idosos com cães de estimação, considerando que existem poucos registros de tais investigações e que os idosos são um grupo populacional de risco ao adoecimento, que pode, particularmente, nesta fase, ser privilegiado pelo convívio domiciliar com cães de companhia.

EFFECTS OF COHABITATION WITH PET DOGS ON OLDER ADULTS' HEALTH

abstract

The objective of this article is to study the effects of household cohabitation of older adults with pet dogs, pointing out the positive and negative aspects of this conviviality to the health of the older population. This is a qualitative study of descriptive and exploratory character that will use the semi-structured interview as a technique. The total number of older adults was defined by the saturation of speeches during the interviews. The interviews were transcribed and the speeches of the participants were examined through content analysis, with subsequent thematic categorization. The elements were

classified into 9 thematic axes: emotional support, physical activity, social contact, feeling of security, allergy and infections, falls, financial expense, mourning process and meaning. The companionship with companion dogs brings innumerable benefits to older adults' health, such as the increase in the practice of physical activities, socialization, pleasure and self-esteem. On the other hand, there are also negative aspects of this cohabitation, such as the greater exposure to possible infections and allergies, the greater risk of falls and the intense suffering caused by the loss of the animal. After analyzing the data, it was verified that the positive effects of the household cohabitation of older adults with dogs outweigh the negative effects for the health of this population.

key words

Older Adults. Pets. Dogs.

referências

ALVES, José Eustáquio Diniz. Transição demográfica, transição da estrutura etária e envelhecimento. *Revista Portal de Divulgação*, São Paulo, ano IV, n. 40, p. 8-15, mar./abr./maio 2014. Disponível em: http://anakarkow.pbworks.com/w/file/etch/98620316/2014_Alves_Transicao%20demografica%20transicao%20da.pdf. Acesso em: 5 maio 2018.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 6. ed. Lisboa: Almedina, 2011.

BERRY, Alessandra *et al.* Developing effective animal-assisted intervention programs involving visiting dogs for institutionalized geriatric patients: a pilot study. *Psychogeriatrics: The Official Journal of the Japanese Psychogeriatric Society*, Tokyo, v. 12, n. 3, p. 143-150, 2012. DOI: 10.1111/j.1479-8301.2011.00393.x. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22994611>. Acesso em: 5 maio 2018.

CHERNIACK, Paul; CHERNIACK, Ariella. The benefit of pets and animal-assisted therapy to the health of older individuals. *Current Gerontology and Geriatrics Research*, London, v. 2014, article ID 623203, 2014. Disponível em: <https://www.hindawi.com/journals/cggr/2014/623203/>. Acesso em: 8 ago. 2018.

DEGELING, Chris; ROCK, Melanie. 'It was not just a walking experience': reflections on the role of care in dog-walking. *Health Promotion International*, United Kingdom, v. 28, n. 3, p. 397-406, 2012. DOI: 10.1093/heapro/das024. Disponível em: <https://academic.oup.com/heapro/article/28/3/397/635706>. Acesso em: 8 ago. 2018.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *The Sage handbook of qualitative research*. 3. ed. Thousand Oaks: Sage, 2005.

DOTTI, Jerson. *Terapia e Animais*. 2. ed. São Paulo: Livrus, 2014.

ELY, Luísa Scheer *et al.* Prevalência de enteroparasitos em idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 637-646, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbagg/v14n4/a04v14n4.pdf>. Acesso em: 6 out. 2017.

FERREIRA, Aldo Pacheco. Benefícios terapêuticos por emprego de los animales de compañía en el cuidado de salud de las personas mayores. *Revista Gerencia y Políticas de Salud*, Bogotá, v. 11, n. 22, p. 58-66, 2012. Disponível em: <http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/gerepolsal/article/view/3289>. Acesso em: 6 out. 2017.

GANDOLFI-DECRISTOPHORIS, Paola *et al.* Evaluation of pet contact as a risk factor for carriage of multidrug-resistant staphylococci in nursing home residents. *American Journal of Infection Control*, St. Louis, v. 40, n. 2, p. 128-133, 2012. Disponível em: [https://www.ajicjournal.org/article/S0196-6553\(11\)00331-2/fulltext](https://www.ajicjournal.org/article/S0196-6553(11)00331-2/fulltext). Acesso em: 6 out. 2017.

GARCIA, David O. *et al.* Relationships between dog ownership and physical activity in postmenopausal women. *Preventive Medicine*, United States, v. 70, p. 33-38, Jan. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2014.10.030>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0091743514003995>. Acesso em: 8 ago. 2018.

GUÉDES, Marcelo Barbosa Otoni Gonçalves *et al.* Apoio social e o cuidado integral à saúde do idoso. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 1185-1204, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v27n4/0103-7331-physis-27-04-01185.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2018.

JOHANSSON, Maria; AHLSTRÖM, Gerd; JÖNSSON, Ann-Cathrin. Living with companion animals after stroke: experiences of older people in community and primary care nursing. *British Journal of Community Nursing*, London, v. 19, n. 12, 2014. Disponível em: <https://www.magonlinelibrary.com/doi/abs/10.12968/bjcn.2014.19.12.578>. Acesso em: 6 out. 2017.

MARTINS, Maria Aparecida Alves *et al.* A presença do cão e sua relação com o relato de morbidades, incidência de quedas e a qualidade de vida de um grupo de idosos em um município da região Sudeste do Brasil. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde*, Vitória, v. 17, n. 1, p. 113-121, jan./mar. 2015. DOI: <https://doi.org/10.21722/rbps.v17i1.12458>. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/RBPS/article/view/12458>. Acesso em: 8 ago. 2018.

MENNA, Lucia Francesca *et al.* Evaluation of social relationships in elderly by animal-assisted activity. *International Psychogeriatrics*, England, v. 24, n. 6, p. 1019-1020, 2012. DOI: [10.1017/S1041610211002742](https://doi.org/10.1017/S1041610211002742). Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22265354>. Acesso em: 5 maio 2018.

MESSIAS, Manuela Gomes; NEVES, Robson da Fonseca. A influência de fatores comportamentais e ambientais domésticos nas quedas em idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 275-282, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232009000200275&script=sci_abstract. Acesso em: 8 ago. 2018.

MORSE, Janice M.; FIELD, Peggy Anne. *Qualitative research methods for health professionals*. 2. ed. Thousand Oaks: Sage, 1995.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Relatório mundial de envelhecimento e saúde*. Genebra: OMS, 2015. Disponível em: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em: 5 maio 2018.

PEREIRA, Maria Júlia Fragoso; PEREIRA, Luzinete; FERREIRA, Maurício Lamano. Os benefícios da Terapia Assistida por Animais: uma revisão bibliográfica. *Saúde Coletiva*, São Paulo, v. 4, n. 14, p. 62-66, 2007. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84201407>. Acesso em: 6 out. 2017.

RABOLD, Denise *et al.* The zoonotic potential of *Clostridium difficile* from small companion animals and their owners. *Plos One*, San Francisco, v. 13, n. 2, e0193411, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0193411>. Disponível em: https://www.openagrar.de/receive/openagrar_mods_00037112. Acesso em: 8 ago. 2018.

SAKATA, Marcus Vinícius Akira. O emprego do cão farejador no cumprimento de mandados de busca e apreensão pela polícia militar do estado de Mato Grosso. *Revista Científica de Pesquisa em Segurança Pública*, Cuiabá, v. 14, n. 1, 2015. Disponível em: <http://revistacientifica.pm.mt.gov.br/ojs/index.php/semanal/article/view/260>. Acesso em: 5 maio 2018.

SCHEIBECK, Roswitha *et al.* Elderly people in many respects benefit from interaction with dogs. *European Journal of Medical Research*, v. 16, n. 12, article number: 557, 2011. Disponível em: <https://eurjmedres.biomedcentral.com/articles/10.1186/2047-783X-16-12-557>. Acesso em: 8 ago. 2018.

STANLEY, Ian *et al.* Pet ownership may attenuate loneliness among older adult primary care patients who live alone. *Aging & Mental Health*, Cambridge, v. 18, n. 3, p. 394-399, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13607863.2013.837147>. Acesso em: 6 out. 2017.

STUMM, Karinne Eliel *et al.* Terapia Assistida por Animais como facilitadora no cuidado a mulheres idosas institucionalizadas. *Revista de Enfermagem da UFSM*, Santa Maria, v. 2, n. 1, p. 205-212, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/2616>. Acesso em: 5 maio 2018.

VERAS, Renato. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. *Revista de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 3, p. 548-554, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102009005000025>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003489102009000300020&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 5 maio 2018.

VIEIRA, Fernanda Toledo *et al.* Terapia assistida por animais e sua influência nos níveis de pressão arterial de idosos institucionalizados. *Revista de Medicina*, São Paulo, v. 93, n. 3, p. 122-127, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/111963>. Acesso em: 5 maio 2018.

WESTGARTH, Carri *et al.* I walk my dog because it makes me happy: a qualitative study to understand why dogs motivate walking and improved health. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, Switzerland, v. 14, n. 8, article number: 936, 2017. DOI: 10.3390/ijerph14080936. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/14/8/936>. Acesso em: 8 ago. 2018.

Data de Submissão: 18/06/2019

Data de Aprovação: 19/08/2019